

CONVERSA FIADA PARA ADIAR O FIM DO MUNDO¹

Maria Fernanda Costa MIRANDA²

Resumo:

Sob as linhas das fiandeiras, tecelãs, tingideiras das linhas e bordadeiras do Vale do Rio Urucuia e Carinhanha (norte de Minas Gerais), vislumbramos uma boa conversa fiada para ajudar a suspender o céu de nosso cerrado diante do pensamento monocultural. Seguindo nas reverberações da fala de Ailton Krenak na noite de abertura de nosso Simpósio, compartilho aqui uma tecedura de pesquisa performativa como um olhar que soma forças para “adiar o fim do mundo”.

Palavras-chave: *tecedura fiada; prática como pesquisa; cerrado; ecofeminismo; narrativa*

Abstract:

Under the lines of women spinners, weavers, thread dyes and embroiderers from Vale do Rio Urucuia and Carinhanha (North of Minas Gerais), we glimpse a good conversation to help our Brazilian cerrado sky not to fall in the face of monocultural thinking. Following reverberation about Ailton Krenak's talk in the opening night of our Symposium, I share here a weaving of a performative research as a perspective that add strength to "postpone the end of the world".

Keywords: *weaving women; practice as research; Brazilian cerrado; ecofeminism; narrative*

1 Reverenciando os livros (e pensamentos de) “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenak, bem como “A queda do céu” de Davi Kopenawa, recolhidos em língua yanomami pelo etnógrafo Bruce Albert, lanço a brincadeira com o sentido de conversa fiada para falar de uma tecedura feita por mulheres fiandeiras, tecelãs, tingideiras das linhas, e bordadeiras, como forças nesse cerrado. E nesse sentido, reverencio aqui também a minha grande mestra Dinalva Ribeiro e seu documentário “Conversa fiada, urdida, tingida e tecida”.

2 Bailarina, ativista ambiental pelo cerrado e doutoranda no Programa em Artes da Cena/Unicamp com a pesquisa “Andarina: nos rastros e ruídos das mulheres de linhas”. É condutora ambiental no projeto O Caminho do Sertão. Ganhou o Prêmio Funarte Klauss Vianna de Dança 2015 com o projeto Mulheres de Linhas, também desenvolvido na região.

Existe uma conversa fiada sendo criada pelas mãos habilidosas de mulheres cerratenses para dizer que nosso cerrado, apesar de todo o pensamento monocultural, ainda não acabou. Narrativas outras que suspendem nosso céu para que ele não caia, vida vai sendo tecida entre linhas, rios e veredas, em prosas soltas nos ruídos do cotidiano das mulheres de linhas.

Nesse momento, teço esse texto na solitude. Mas se sou uma, sou muitas. Muitas mulheres. Mãe, filha, avó, madrinha, irmã, comadre, neta, bisavó. Fiadeira, tecelãs, tingideira das linhas, bordadeira, rezadeira, dançadeira, parteira, dona de casa e da roça, representante de associação comunitária e ponto de cultura, mestras de vida e arte, fazedora de manzuá, cantadeira, andarina. Teceduras que atravessam como uma *polifonia*. Uma harmonia melódica das linhas. Linhas melódicas harmônicas. E nas linhas, uma trama tão viva quanto a própria vitalidade desses encontros femininos de fiação, tecelagem, bordado sertão cerrado adentro dos gerais, nas várias habilidades dessas mãos que criam mundos à parte no tecido que, por um lado, agencia a criação e, por outro, lança uma amplitude quase infinita de possibilidades criativas. Narrativas de coletividade resistindo justaposta em um território patriarcal que legitima o desvio de nossos rios para irrigar plantações de soja.

Nessas narrativas, o desejo de criar, pois viram em suas linhas uma vida grande demais. Mesmo rodeadas de situações precárias e delicadas, suas casas são verdadeiros jardins, coloridas por suas criações manuais. Suas mãos sempre prontas para criar. E, assim, elas criaram as rodas, os encontros com suas companheiras... Com a mesma delicadeza e habilidade com que agenciam seus fios, tecendo tramas de uma colcha fina de tecido, elas fazem uma torção sobre a própria condição do trabalho doméstico feminino, o "ser prendado", e criam juntas suas rodas de fiação, tecelagem, bordados... reinventando-se em um novo pedaço de terra, de encontro com outras mãos, avós, meninas, transbordando a mulher do lar em direção a um corpo coletivo de criação, onde a sua criação é a criação vinda e lançada para várias mulheres. Uma coletividade anônima na singularidade. Um corpo de linhas. (MIRANDA, 2016)

Diante de toda essa potência expressiva, não é de se estranhar que D. Maria I, a louca, tenha mandado destruir todos os teares, rodas, fios, com o Alvará de 05 de Janeiro de 1785. Ela viu nos resultados criativos das mãos de várias mulheres mineiras algo de grande de mais para uma colônia. A promissora

independência das importações de tecidos da Inglaterra, que o desenvolvimento da tecelagem e bordados promovia, criou uma situação crítica para Portugal, já que esse dependia militarmente da proteção da Inglaterra.

Em resposta a essa autonomia que as linhas ofereciam, com o argumento de que a produção têxtil e bordado traria um grave prejuízo à lavoura e a exploração mineral, o Alvará proíbe “todas as fábricas, manufaturas ou teares de galões, de tecido ou de bordados de ouro e prata, veludo, brilhantes, cetins, tafetás, ou de qualquer outra qualidade de seda (...)” (FONSECA et al 1984, p. 04). D. Maria I redige ainda outro Alvará em 26 de janeiro do mesmo ano ordenando que “fossem abolidas pela *brandura ou violência* as ditas fábricas e manufaturas no território de sua jurisdição” (CÁURIO, 1985, p.74). O referido Alvará acabou por desencadear perseguições às manufaturas e as proprietárias dos teares que podiam, agora, somente tecer peças grosseiras. Isso porque os tecidos e bordados que eram produzidos no Brasil não eram propriamente rudimentares e começavam a concorrer com a própria produção portuguesa e inglesa.

O que D. Maria I e os governantes das capitanias não sabiam, é que o mundo das linhas se reinventa por meios das mãos habilidosas de uma fiandeira, tecelã, bordadeira, sendo assim impossível de ser extinto. Vivendo em meio à clandestinidade, essas mulheres de linhas fizeram surgir fios e criações de lugares não imaginados e hoje podemos ver nas rodas de encontro e de fiar que se atualizam em localidades desse Brasil adentro, um fio que liga e religa essa vida feita a mão, numa capacidade de superação que não as paralisam em situações extremas e/ou agudas.

Nesse momento minhas mãos estão cheias, quentes, inquietas e ávidas para criar algo feito a mão com todo o corpo. Tornar artesanal a experiência. Mundos à parte, um mundo de várias, um mundo das linhas...dos fios...dos cantos.

Foi na sonoridade presente nos fios de Ariadne³ que adentrei o cerrado dos Vales do Rio Urucuia e Carinhanha (norte e noroeste de Minas Gerais) na busca de fazer uma dança cantar. As vozes femininas dos cantos de festejo de fiação e folia me levaram a conhecer suas mulheres fiandeiras, tecelãs, tingideiras e

3 Na mitologia grega, Ariadne, filha de Minos rei de Creta, ajuda Teseu a sair do labirinto do Minotauro tecendo um fio de algodão, o “fio de Ariadne”. Esse fio de Ariadne conduz o herói em busca de si mesmo.

bordadeiras. E ali, tão logo uma dança cantaria⁴. Com pés de caminhante, fui encontrando as mulheres de linhas de Sagarana, de Uruana de Minas, de Riachinho, de Natalândia, de Bonfinópolis, de Serra das Araras, de Ribeirão de Areia, de Januária e de Chapada. E a cada canto apreendido no corpo apreendi também histórias, saberes e fazeres característicos do universo feminino cerratense dessa região. Cantando e contando suas histórias nesse cerrado entre o cotidiano da casa, os afazeres junto a terra e os festejos de mutirão e de folia de reis, essas mulheres tecem numa relação imbricada com a paisagem do cerrado, escolhendo a caliandra, flor típica da região, como símbolo de sua (re)existência nesse sertão, e os rios como canal que as unem.

Socioambientalmente, perspectivas são apontadas sobre o sentido do cerrado pelas mãos dessas mulheres que criam e manipulam linhas. Nessa vivência foi inescapável experienciar as questões importantes que permeiam esse bioma brasileiro, numa região em que tem prevalecido a voz do agronegócio em detrimento da agricultura familiar, a voz de um tal desenvolvimento em detrimento da voz que vem de um *outrar* junto a flora e fauna do cerrado, a voz do mercado individualista em detrimento de uma coletividade onde a ajuda mútua prevalece.

O nome “mulheres de linhas” vem como uma atribuição carinhosa a todas essas mulheres que nos lançaram um modo de perceber, viver e se relacionar por meio de entrelaçamentos. Linhas que as formam, linhas que as criam, linhas que elas criam, que por elas são lançadas em movimento coletivo. E o outro é também a paisagem, os bichos, o vento, o sol, a chuva...a linha, o tecido, a agulha, a roda, o tear.

Ao final dessa andança, que durou quase três anos desde 2015, retornando a Sagarana, onde tudo começou, compartilho com Dona Conceição um canto apreendido em Ribeirão de Areia. Ela, tão logo escutando, me responde que gostaria de enviar um outro canto para a mulher que me ensinou. Eu, agora em Ribeirão de Areia (a 259 km da vila de Sagarana) mostrando a fotografia de dona Conceição e o canto que ela pediu para enviar, escuto de Lita e Ladyjane os seus desejos de também compartilharem cantos, histórias e linhas com outras mulheres que tive a oportunidade de conhecer nesta região.

4 Dessa imersão criamos o espetáculo e o vídeo-dança “Mulheres de Linhas” pelo Prêmio Funarte de Dança Klaus Vianna 2015, bem como a dissertação de mestrado (com apoio da FAPESP) no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena/ Unicamp.

E assim foi vislumbrada uma tecedura em linhas de errância, numa multiplicidade que se contrapõe ao pensamento monocultural que vem desequilibrando nosso ecossistema socioambiental de cerrado a um bom tempo. Tecedura essa que compartilho aqui, nas reverberações das falas de Ailton Krenak na noite de abertura de nosso Simpósio onde, trazendo também “A queda do céu” de Davi Kopenawa (2015), nos aconselha sobre a importância de narrativas e mitos outros em contraposição ao que se afirma sobre desenvolvimento e humanidade (KRENAK, 2019), para assim adiar o fim do mundo. E é dentro do campo da pesquisa performativa das Artes da Cena que trago junto com as mulheres de linhas a nossa contribuição em andanças cerrado adentro.

Cerrado: um sistema biogeográfico torto e suas linhas

Berço das águas, ou cumeeira⁵ do Brasil, por conter em seu território as nascentes dos principais rios ou afluentes de nosso país, o cerrado é considerado o bioma mais antigo das Américas. Pela sua biodiversidade e características bastante heterogêneas, o cerrado é considerado um sistema biogeográfico. Com suas árvores tortas e medicinais, abriga 12 mil espécies de plantas sendo considerado popularmente como uma farmácia a céu aberto. (BARBOSA, 2014).

Nos últimos 50 anos, por meio da expansão da fronteira agrícola e de descobertas tecnológicas, no caso de Goiás e do norte e noroeste de Minas Gerais, bem como a construção de Brasília abriram-se assim novas perspectivas de vida econômica nos cerrados, verificando que nas imensas planícies, ao se corrigir a aridez do solo, se ofereciam condições favoráveis para o cultivo de soja, trigo e eucaliptos. Como nos alerta ainda Darcy Ribeiro “[...] os cerrados estão sendo invadidos por grupos de fazendeiros sulinos, à frente de imensa maquinária, para o cultivo de cereais de exportação” (RIBEIRO, 2006, p. 328). Não é difícil avistar as grandes extensões de monocultura de soja e eucalipto com grandes pivôs de irrigação que tem suas águas vindas de rios que tiveram seus cursos desviados para favorecer a essa forma de agricultura extensiva.

Grave problema ambiental que vem impactar não só a região cerratense, mas a todo o sistema biogeográfico e social do Brasil. Por ser um “domínio”

⁵ Nas palavras de Altair Sales Barbosa “Cumeeira geralmente é a parte mais alta da casa. Quando chove, em cima dessa casa, esta água é distribuída para todos os cantos”.

bastante antigo, segundo Altair Sales Barbosa (2014) ele se encontra em seu clímax, significando que uma vez devastado vira deserto, caindo em extinção. Uma das consequências desse impacto é nossa crise de água, já que o cerrado é o berço das águas do Brasil. Faz-se importante ressaltar que a manutenção do cerrado se dá em seu aspecto social também, já que muitas das comunidades sertanejas, quilombolas, indígenas que ali vivem, sobretudo as mulheres, possuem um conhecimento singular na relação com o bioma que em muito pode ajudar no olhar mais sensível e sustentável para com nosso cerrado. Diante desse cenário, o que era antes fazenda de gados e alimentos, hoje se produz commodities para exportação, indicando que a luta contra o latifúndio, que vem a tantos anos circunscrevendo a história daqueles que moram no interior do Brasil, é também uma luta contra as contradições do agronegócio na contemporaneidade e contra os efeitos da desertificação do cerrado.

É diante desse mito contemporâneo sobre o que seja desenvolvimento que Ailton Krenak nos aconselha sobre a potencialidade nossa como artistas para os olhares dançantes na manutenção ou mesmo criação de narrativas outras que sustentem nosso céu para que ele não caia. Para tanto, nos questiona o sentido de humanidade que se perpetua diante da visão modernizante do Ocidente.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade? (KRENAK, 2019, p.11-12)

Essa visão de desenvolvimento e do que se julga humanidade seguiu para os interiores do Brasil, impactando, também, o mundo das linhas. Mas não o extinguindo. Um costume bastante comum no meio rural de Goiás e Minas Gerais,

o mutirão reunia mulheres de idades variadas que se dividiam entre as atividades de colher, limpar, descarregar, cardar e fiar algodão, tingir e tecer as linhas fiadas. Na 'época das fazendas', o mutirão era uma forma de ajuda mútua despretensiosa entre a vizinhança das 'roças'. Quando uma 'comadre' estava com serviços 'por demais' atrasados, com balaios de algodão para fiar, roupas para fazer, ou mesmo enxoval da filha para completar, a vizinhança se organizava para antes do sol nascer estar na casa daquela que receberia o mutirão. E ali, trabalhavam cantando ao longo de todo o dia. Algo em torno de 12 a 14 horas de trabalho. E para o encerramento, uma festa se fazia reunindo todos da comunidade.

Com o advento da revolução agrícola na região, impulsionando as 'roças' a um rearranjo, os mutirões deixaram de existir como uma relação de ajuda mútua entre a vizinhança da 'roça' para assumirem um posto de manifestação da cultura popular rural, sendo assim realizados apenas nos momentos de festas das comunidades como uma demonstração do saber rural. Nesse rearranjo, o que era um trabalho rural passou para a categoria de artesanato, e assim vieram as associações de artesãs. No Vale do Urucuia, a Central Vereda é a associação que administra a produção, distribuição e vendas dos artesanatos. Nos últimos anos, assessorada pelo Sebrae, a associação realizou uma divisão das "etapas de produção" pelas cidades envolvidas, determinando quais comunidades eram responsáveis pela fiação, outras para tingimento, outras para tecelagem, outras para bordado. Fato que intensificou o afastamento entre as mulheres, que até então realizavam suas criações coletivamente.

No entanto, o mundo das linhas se reinventa...

Linhas de errância: a andarina e a conversa fiada

Em meio as minhas primeiras andanças no Vale do Rio Urucuia e Carinhanha conheci Lindalva, a Dona Lili. Sertanista, fiandeira, meio cigana, vai acumulando no corpo todo lenço, chapéu, colar, brinco, etc. que diz ganhar das pessoas que ela encontra em suas andanças. Em cada lugar que passa presenteia alguém com algum de seus presentes acumulados em seu corpo, e ganha outros das pessoas desse lugar. Muito feminina, se mistura com muita facilidade tanto com a paisagem como com as rodas de batuque. Tive duas experiências com ela: uma dançando, durante um festejo em Ribeirão de Areia e a outra caminhando. Dona Lili vai e

volta das festas em Ribeirão e Chapada andando. São 28 km para ir e outros 28 km para voltar. Por vezes sozinha, e até debaixo de chuva. Disse que caminha dançando e cantando, pois são formas de não cansar. “Andar cansa. Como dançar não cansa, eu ando dançando e cantando”. Dona Lili diz ser andarina! Seria uma andarilha e bailarina? Dona Lili, andarina. “Ocê é andarina também, caminha e canta qui nem ieu. E inda gosta de dança. Andarina”⁶, diz ela. Ao buscar os cantos das linhas, apreendendo no diálogo com o corpo um pouco do colorido das linhas dessas mulheres, fui de fato me reconhecendo andarina junto com Dona Lili.

A imagem sugerida pelo nome andarina com que Dona Lili se auto denomina e que me presenteou ao me chamar assim também, vejo, hoje, como um dispositivo para não só adentrar o território das linhas e falar *sobre*, mas criar *com* essas linhas, *com* o cerrado e *com* essas mulheres. Esse reconhecimento percebido na prática caminhante me levou ao encontro com a pesquisa performativa abordada por Brad Hanseman (2015) em seu Manifesto pela Pesquisa Performativa e contextualizada para a América do Sul por María José L. Contreras (2013), em *La Practica como Investigación: nuevas metodologias para la academia latinoamerica*, apontando um importante caminho para descerrar o cerrado a partir do ponto de vista de suas mulheres de linhas. Numa escuta do que seja não só ser afetada pelo território para criar um trabalho cênico, mas afetar com ações concretas e sensíveis, num intenso exercício de outrar a partir do que esse território vê e quer com você, como figura pesquisadora, artista, mãe e mulher, é que propomos nossa conversa fiada para contribuir com as ideias para adiar o fim do mundo.

Tecida a partir do dispositivo de nome Andarina que transita pelo contexto cerratense dessa região recolhendo e colocando em movimento as conversas entre as mulheres de linhas, essa conversa fiada errante é sustentada pelo próprio desejo das mulheres de entretecer suas vozes na região com cerratenses. Vozes essas que também vão afetar o corpo da artista pesquisadora de modo a construir possibilidades narrativas sobre o cerrado. Já se vislumbra uma criação fisicogeográfica, a partir do próprio trajeto percorrido no intercâmbio entre as mulheres, desenhando um mapa de linhas de errância.

Na região imortalizada pelas obras de João Guimarães Rosa, deparei-me com estudos acerca da história do Vale do Rio Urucua onde discursos e narrativas evidenciaram a hegemonia masculina em detrimento desses corpos

⁶ Registro de uma das conversas que tive com Dona Lili no ano de 2016 em Ribeirão de Areia.

femininos que acabam escrevendo suas histórias no interior de seu cotidiano, como mãe, agricultora, artesãs das linhas. Segundo TEMIS (*apud* LIMA, 2016), ao tratar o “silêncio da história”, a ausência de registros das atividades exercidas por mulheres é um indício desse hiato histórico muito pertinente para reflexões a respeito do feminino nos estudos do corpo sob o viés historiográfico. Na busca por um avesso do silêncio, a investigação aqui proposta parte da consideração de que tais corpos, por mais que não estivessem presentes nos registros oficiais, habitavam e construíam história na região, dialogando e resistindo de várias formas às relações estabelecidas ali.

Segundo Lima (2016), essa “ausência” de elementos da história feminina na cultura material que encontro na região noroeste de Minas Gerais permite dizer que as experiências concretas e as práticas cotidianas das mulheres foram subestimadas, porque os procedimentos de registro, dos quais a história é tributária, são fruto de uma seleção que privilegia o mundo público, sobretudo o econômico e político reservado aos homens. Esses corpos femininos que labutavam no seu cotidiano, virando chefes de família quando ficavam viúvas e que possuíam um conhecimento popular foram destinadas a um “silêncio da história”, onde paradoxalmente gritava um corpo/saber/sentimento que se expressa na sua simplicidade e força. Assim, segundo a autora, aponta-se para a possibilidade do “avesso” se manifestar na pele, na cor, na voz dos cantos, na reza, nas criações de linhas e na dança numa busca incansável pela sobrevivência. Segundo Temis, citado por Marlini Dorneles Lima, (2016) “É na luta pela sobrevivência na pequena produção agrícola que a mulher representou seu principal papel como a força produtiva da qual o homem não poderia abrir mão” (TEMIS *apud* LIMA, 2016, p.93.) .

Se o avesso do silêncio que estamos propondo ao descerrar esse cerrado se dá pelo corpo e no corpo, será no campo da prática como investigação, mais precisamente a pesquisa performativa que esse corpo deixará de ser um objeto de estudos para ser um agente capaz de gerar conhecimento. (LORENZINI, 2013)

Andarina Fala...⁷

⁷ “Andarina fala...” é um dispositivo de escrita e registro feito durante caminhadas pelo cerrado e que vai sendo aos poucos inseridas como reflexões desse corpo-andarina para compondo com o percurso de elaboração escrita da tese no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena/Unicamp. Num corpo dilatado pelas caminhadas, as memórias vão tomando forma na forma de escritas próprias.

Dos risos e risadas de uma mulher... Duas matriarcas dos fios: uma que canta em casa, outra que canta andando. Uma cria linhas na roda, outra no seu fuso que carrega carinhosamente em sua bolsa de pano.

Conheci Dona Conceição numa prosa descontraída em um dos mutirões de fiação de Setembro de 2015 na Vila de Sagarana. Eu aprendendo a fiar e ela tentando me ensinar a fiar cantando. Dalí, desse encontro, saiu uma linha "compriiiida", seguindo 4 anos adentro. Cantar mais ela significava também rir mais ela. Dessas risadas que logo se transformam em gargalhadas, balançando os seios e mostrando os dentes. Suas unhas sempre pintadas de vermelho, chamando minha atenção sempre para eu cuidar das minhas. Sempre em sua casa, seu reduto. E sempre cercada de carinho familiar. Mas seu olhar sempre me contava algo de saudade. Ausências de presenças que não estavam mais alí. Cantar mais ela em casa.

Cantar mais ela andando... Essa é Dona Lili de Ribeirão de Areira, a 259km de Vila de Sagarana. Apesar de conhecer sua casa, sempre a encontro em trânsito. Em sua bolsa de pano, o fuso que outrora pertencera a sua mãe. Lança no chão, e logo sai uma linha comprida.... e junto, um causo que a faz rir, gargalhar... Balançando os seios e mostrando a ausência de seus dentes. Sempre com um certo tom de erotismo. Desses que somente as deusas sujas e sagradas são capazes de trazer. Andar e cantar com Dona Lili é também gargalhar sobre histórias de útero e vagina.

Nas labutas de mulheres sertanistas que são, seus corpos "ousam" sempre rir... e rir muito. Sabendo que como mulheres o ato de rir é uma transgressão, já que chorar é o que se espera de todas nós, mulheres, não é?

Rir...

Gargalhar...

Gerar ruídos no cotidiano para um avesso do silêncio!

Para desCerrar um cerrado, é importante ter a escuta para essa risadas.... para as risadas dessas mulheres! Numa segunda epiderme da pele da mulher, esse avesso do silêncio gerado pela gargalhada tece uma história como

mulheres cerratenses, que somente seus corpos são capazes de contar. E que nos une como mulheres que somos!

Tomei consciência da minha gargalhada (sua altura e formato) em um dos dias que fiava com Dona Conceição. O som expandiu de tal forma em sua sala, que fiquei acanhada de ter soltado ela assim... tão espontaneamente. Vendo minha timidez, Dona Conceição gargalhou ainda mais alto, e tão logo estávamos as duas rindo em cumplicidade.

Partindo das artes da cena como lugar de fala e do saber sensível como episteme, considero os rastros e ruídos da proposição de Victor Turner (2013), que os aborda conceitualmente dentro do campo da antropologia da performance, cruzando com o belo trabalho de minha amiga Marlini Dorneles Lima (2016) junto às parteiras, raizeiras e benzedeadoras do norte de Goiás, para dizer que rastros podem ser trazidos como marcas simbólicas nos corpos das mulheres, e ruídos como vibrações de um corpo social muitas vezes silenciado, mas com uma intensa sede de viver e significar-se no mundo. Isto é, inscreve-se uma história no corpo que planta, que fia, que tece linhas, que canta, que dança. E nesse local considerado pelo sistema como morto, percebe-se uma intensa vida pulsante.

Efetivamente, a epistemologia dominante fundamenta-se em contextos culturais e políticos bem definidos: o mundo moderno cristão ocidental, o colonialismo e o capitalismo. Nesse sentido, a produção do conhecimento, o modo como se faz, onde se faz e o que se faz não é exterior aos contextos sociais e políticos que o prefiguram e configuram. Afirmar, pois a exclusividade de uma epistemologia com pretensões universalizantes tem um duplo sentido: por um lado, a redução de todo o conhecimento a um único paradigma, com as consequências de ocultação, destruição e menosprezo por outros saberes e, por outro, a descontextualização social, política e institucional desse mesmo conhecimento, conferindo-lhe uma dimensão mais passível de universalização e absolutização e que possa servir de quadro teórico legitimador de todas as formas de dominação e de exclusão. (SANTOS, 2009, p. 31)

E é nessa perspectiva que Boaventura Souza Santos propõe as epistemologias do sul, onde “sul” é antes metafórico do que geográfico, já que é possível perceber que existe um sul dentro do norte, e um norte dentro de um sul. Boaventura nos sugere pistas, como afirma Verônica Fabrini (2013) para o que seja esse sul e como abordá-lo: o sul é antipatriarcal (portanto, resiste ao falocentrismo), anticolonial e anti-imperialista (resiste às invasões predatórias). Que esse sul alimenta-se das epistemologias feministas (que fizeram a crítica da produção da ciência e da filosofia, mostrando os preconceitos de gênero) e das novas epistemologias reveladas pelo pensamento pós-colonial. E é na esteira desse salto sobre a linha abissal que também tecemos nossa conversa fiada pelo dispositivo Andarina, criando um caminho para contribuir com os giros epistêmicos decoloniais e as epistemologias feministas dentro dessa Pesquisa Performativa num contexto de América do Sul.

Nesse momento, imbuída pela perspectiva de Programas Performativos abordados por Eleonora Fabião, localizamos a Andarina em dispositivo de programa performativa que lança com as companheiras mulheres de linhas essa tecedura errante.

Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa (...) Através da realização do programa, o performer suspende o que há de automatismo, hábito, mecânica e passividade no ato de “pertencer” – pertencer ao mundo, pertencer ao mundo da arte e pertencer ao mundo estritamente como “arte”. (FABIÃO, 2013,p.4)

Eleonora Fabião (2013) defende esse corpo-em-experiência que o programa performativo instaura exatamente pela aderência, pelo compor com o contexto social, político e histórico nas articulações de iniciativas performativa. “[...] Reconhecimento, negociação e reinvenção não apenas do meio, nem apenas do performer, mas da noção mesma de pertencer como ato psicofísico, poético e político de aderência-resistência críticos.” (FABIÃO, 2013, p.5) Ferramenta que aqui considero dentro da pesquisa performativa para que assim instaure essa boa

conversa fiada.

Narrativas de rios.... e a suspensão do céu de nosso cerrado

Nos reconhecemos pelos rios.

São eles que dão nome para nossas terras. Para o lugar.

Ladyjane Macedo

Bordadeira e dançadeira da Comunidade de Ribeirão de Areia

O ecofeminismo como movimento e também filosofia nos apresenta uma reflexão de suma importância dentro de nosso contexto de cerrado colocando o universo das linhas numa localidade de peso dentro da construção de narrativas femininas. Vandana Shiva (1997), precursora do ecofeminismo traz em seu livro de mesmo nome uma associação entre o sistema patriarcal, que rege o mundo ocidental capitalista, com nossa crise ambiental. Para ela, o discurso que legitima, por exemplo, o desvio do curso de um rio que alimenta várias comunidades do Vale do Rio Urucuia e Carinhanha, para irrigar uma única plantação extensiva de monocultura de grãos, é o mesmo que legitima a opressão sobre os corpos, saberes e fazeres das mulheres, gerando um silenciamento profundo de submissão e violência. Sendo assim, chama atenção para a criação de modelos ecológicos centrado no papel da mulher como o caminho possível para as questões ambientais e de gênero que nos cercam.

No tempo e espaço da fiação, entre conversas fiadas, aquelas mulheres sábias lapidam seus conhecimentos, suas sabedorias, suas práticas, sobre ervas, medicamentos, as hortas, os alimentos, as plantações, as paixões, o cuidar das filhas e dos filhos. E mais, sobre seus corpos, seus ciclos, seus partos, seus cuidados. Resiliência, alquimia. Transformar algodão em tecidos coloridos. Transformar o trabalho em potência. Obviamente que a mulher fiadeira, tecedeira, ao sair de seu mergulho no tissume, se encontra de novo

com a trama complexa de sua existência. (...) Confiar amortece a trama complexa da existência. Fiar amortece a trama complexa da existência. (RIBEIRO, Dinalva. Doc. Conversa fiada, min. 24:51).

Nas reverberações da fala de Ailton Krenak na noite de abertura de nosso simpósio, onde, trazendo também as reflexões de Davi Kopenawa, lança-nos a importância, e também desafio, de sustentar e criar narrativas outras em contraposição a esse mito contemporâneo sobre o que seja desenvolvimento e humanidade, compartilho aqui um pouco do que estamos tecendo em nossa conversa fiada. O céu de nosso cerrado está prestes a cair, mas ele está sendo suspenso por muitas narrativas, cantos, danças, teceduras, linhas. Querem que digamos que o cerrado acabou, contribuindo para que nossos rios continuem sendo desviados, e nossas terras sendo tomadas por longas extensões de plantação de eucalipto e grãos para exportação. Mas não. Ele não acabou, e está sendo sustentado por muitas e muitas mãos. Uma delas: as das mulheres de linhas, que continuam tecendo narrativas em rios em linhas que caminham, caminham, caminham, trocando e deixando saberes. Semeando.

Os rios são veias que se conectam, linhas que nos unem, nos ligam. Se a gente souber perceber isso a gente vê o tanto que somos fortes. O contexto hoje faz a gente achar que somos fracas. Daí vem a depressão. Mas os rios e as linhas estão aí para nos dizer o tanto que a gente é forte. O bordado, a fiação, é só uma desculpa para a gente se encontrar. Porque é encontrando que a gente se fortalece. (Ladyjane Macedo, bordadeira de Ribeirão de Areia)⁸.

E assim, se teço esse texto na solitude é porque sou muitas, muitas mulheres. Mãe, filha, avó, madrinha, irmã, cumadre, neta, bisavó. Fiadeira, tecelãs, tingideira das linhas, bordadeira, rezadeira, dançadeira, parteira, dona de casa e da roça, representante de associação comunitária e ponto de cultura, mestras de vida e

8 Trecho de uma conversa que tive com Ladyjane em 26 de maio de 2017 em sua casa na comunidade de Ribeirão de Areia.

arte, fazedora de manzuá, cantadeira, andarina. Tecedeira de uma boa conversa fiada.

Referências:

BARBOSA, Altair Sales. O piar da juriti pepena: narrativa ecológica da ocupação do cerrado. Goiânia: PUC-GO, 2014.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. ILINX, Revista do Lume, n.4, dez. 2013. Disponível em: <<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>> Acesso 3 jun. 2019.

FABRINI, Verônica. Sul da cena, sul do saber. Revista Moringa, n. 4, v. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/16121>> Acesso em: 13 de nov. de 2017.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP, – São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015.v.3, n.1, 205p. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/spa/Pesquisa%20performativa_%20uma%20tende%CC%82ncia%20a%20se%20bem%20discutida%20%28Luiz%20Fernando%20Ramos%29%205o%20SPA%20ECA%20-%20USP.pdf> Acesso em: 15 jan. 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Marlini Dorneles. Entre raízes, corpos e fé: trajetórias de um processo de criação em busca de uma poética da alteridade. 2016. Tese (Doutorado em Arte Contemporânea). Universidade de Brasília, Instituto de Artes,

Brasília, DF.

LORENZINI, María Jose Contreras. La práctica como investigación: nuevas metodologias para La academia latinoamericana. Poiésis, n. 21-22, p. 71-86, jul-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis21-22/dossie2-02-contreras.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2018.

MIRANDA, Maria Fernanda C. Mulheres de Linhas: dos cantos femininos de fiação ao processo de criação em dança. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Dinalva; ZANOTTI, Diego. Conversa fiada, urdida, tingida e tecida.

UFG/Unicamp. (30min) 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Ia1sC8a29I>> Acesso em: 21 fev. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a uma ecologia de saberes. In. Epistemologias do Sul. SANTOS, Boaventura de Sousa; Maria Paula Meneses.(Orgs). Coimbra: Almedina, 2009.

SHIVA, Vandana; MIES, Marie. Ecofeminismo. Portugal: Instituto Piaget, 1997.

TURNER, Victor W. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 2013.